

RESENHA: O MASSACRE - EL Dorado DOS CARAJÁS: UMA HISTÓRIA DE IMPUNIDADE

Áthila Lima Kzam¹ 

NEPOMUCENO, E. **O Massacre – Eldorado dos Carajás: uma história de impunidade.** São Paulo: Planeta, 2007. f. 214.

“Quem tinha que estar preso era o pessoal do MST (Movimento dos Sem Terra), gente canalha e vagabunda. Os policiais reagiram para não morrer²”. Essas foram as palavras empregadas, em 14 de julho de 2018, pelo então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, em frente ao Monumento das Castanheiras Mortas, em Eldorado dos Carajás, sudeste do estado do Pará, cerca de 700 quilômetros de Belém. O discurso, aplaudido por policiais presentes na ocasião, infelizmente revela que, para parte da população brasileira, os fatos ocorridos na tarde do dia 17 de abril de 1996 são plenamente justificáveis.

Entretanto, o livro do jornalista carioca Eric Nepomuceno, *O Massacre – Eldorado do Carajás: uma história de impunidade*, publicado em 2007 pela editora Planeta, procura esclarecer, informar e acima de tudo, evitar que narrativas distorcidas, maniqueístas e negacionistas como a do atual Presidente da República possam converter os episódios daquela tarde em apenas mais um triste capítulo da violência no campo nos rincões da Amazônia. Lucidamente, o autor destaca: “ninguém deveria sequer se atrever a usar palavras como ‘confronto’, ‘incidente’ ou ‘choque’ para descrever o que aconteceu na Curva do S da PA-150” (p. 21). Nessa perspectiva, justificar e tentar legitimar a barbárie cometida ultrapassa a simples ignorância dos fatos e revela uma estratégia planejada de depreciação e difamação dos movimentos sociais que atuam no Brasil.

Nepomuceno, jornalista consagrado pelas excelentes traduções de livros de autores premiados como do argelino Júlio Cortázar (1914-1984), do uruguaio

¹ Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará – PPGE/UFGPA Professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA. E-mail: athila.kzam@ifpa.edu.br.

² Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes/bolsonaro-defende-pm-por-massacre-em-carajas>. Acesso em: 20 mai. 2022.

Eduardo Galeano (1940-2015) e, principalmente, do colombiano vencedor do Nobel de literatura, Gabriel Garcia Marques (1927-2014), desenvolve um minucioso trabalho investigativo acerca de uma das maiores atrocidades recentes da história do Brasil: o Massacre de Eldorado dos Carajás.

Ao todo foram mais de três anos de pesquisa, 32 pessoas entrevistadas em várias cidades, 20 mil páginas de inquéritos policiais revisados e mais de 50 horas de gravações para compor um livro agraciado, em 2008, com o 2º lugar na 50ª edição do Prêmio Jabuti na categoria jornalismo. Convém destacar que o referido prêmio, honraria editorial concedida pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), entidade que agrupa as principais empresas do setor livreiro nacional, constitui-se em mais um reconhecimento da relevância e grandiosidade da obra.

Em uma narrativa acessível, não linear e direta, Nepomuceno apresenta detalhes materiais do episódio. Contudo, determinadas passagens são repetidas, embora esse aspecto em nada desmereça a importância e o brilho do trabalho do autor. Além disso, ainda que o livro não tenha um viés acadêmico em sua essência, identificado, por exemplo, pela carência de um aporte teórico mais profundo amparado em pesquisadores que estudam e/ou estudaram as transformações na Amazônia nas últimas décadas, em especial aqueles vinculados à questão agrária como Orlando Valverde, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Wanderley Messias da Costa, entre outros, a obra torna-se uma leitura obrigatória, tanto para estudantes do ensino superior das ciências humanas, quanto para qualquer cidadão que procure examinar as relações de poder no sudeste do Pará e a multiplicidade de atores sociais que disputam a terra.

Através da leitura, podemos realizar uma viagem no tempo e no espaço, no qual, por meio de uma detalhada descrição dos acontecimentos, o leitor realiza uma imersão no fatídico episódio. Naquele dia, cerca de 2.500 integrantes do MST rumavam até a capital do estado do Pará para exigir o cumprimento do artigo 184 da Constituição Federal que assegura ser uma competência da União a realização da reforma agrária em imóveis rurais que não cumprem a função social da terra. No percurso, entretanto, resolveram obstruir a PA-150, na altura da curva do S, na zona rural do município de Eldorado dos Carajás, como forma de protesto frente ao desdém do poder

público acerca das reivindicações que abrangiam o fornecimento de comida e transporte para que chegassem em Belém.

Aquela porção da Amazônia, que no início do século XX era a principal área de extrativismo da castanha-do-pará, transformou-se intensamente nas últimas décadas. Do ponto de vista socioeconômico, foi palco do maior garimpo a céu aberto do mundo (Serra Pelada), da extração da principal *commodity* do país (minério de ferro), além do avanço da extração ilegal da madeira e da agropecuária, atividades que deixaram um rastro de miséria e degradação ambiental. Convém destacar que, segundo o autor, boa parte dos integrantes do MST eram antigos garimpeiros que atuavam em Serra Pelada.

A PA-150, principal via de acesso terrestre a Parauapebas, município que abriga a maior província mineralógica do mundo, a Serra dos Carajás, constitui-se como palco da atuação de personagens importantes e poderosos como a então estatal Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), atual Vale. A rodovia foi desobstruída, com truculência, por 155 policiais, de dois batalhões da Polícia Militar (PM), um de Parauapebas e outro de Marabá, fortemente armados com revólveres, submetralhadores e itens alheios ao seu arsenal, a exemplo de foices e carabinas. Do lado do MST, foram 22 mortes e 66 feridos. Do lado da PM, 11 feridos. Contudo, diferente da versão apresentada pela defesa dos policiais e abraçadas pelos latifundiários e parte da elite política do país, Nepomuceno é enfático: Não houve conflito, foi um massacre!

A proeminência do livro inicia pela capa, com a reveladora foto, em preto e branco, assinada por Sebastião Salgado, profissional conhecido mundialmente pelo fotojornalismo e pelo caráter peculiar de denunciar questões socioambientais, trazendo para reflexão as desigualdades sociais no mundo e no Brasil, notadamente com grupos sociais preteridos dos espaços luminosos, como definidos pelo geógrafo Milton Santos. Cabe destacar que um dos principais objetivos do trabalho de Salgado é estimular o público a repensar as questões sociais, privilegiar os grupos excluídos e retratar um determinado

acontecimento por meio da técnica do “momento decisivo³”, preconizada por Henri Cartier Bresson.

O livro está estruturado em cinco capítulos, todos precedidos por fotografias captadas pelas lentes de Sebastião Salgado, de cenas lamentáveis e/ou repugnantes das vítimas e/ou da dor dos familiares. No primeiro capítulo, denominado de “*Uma imensidão de terras e de violência*”, Nepomuceno destaca o paradoxo entre a abundância de terras e a eclosão de conflitos agrários no Pará. Dessa forma, o estado que possui a segunda maior em extensão territorial do Brasil, contando com mais de 1,2 milhão de quilômetros quadrados, maior que “Itália, Espanha e Alemanha somadas” (p. 24), é campeão em trabalho análogo à escravidão, desmatamento ilegal e assassinatos no campo.

Nesse contexto, o autor descreve um roteiro histórico para compreensão da organização espacial do estado do Pará, abordando a criação das capitânicas hereditárias, a doação de sesmarias e o caráter elitista do acesso à terra que alijou parcelas expressivas da população do direito de produzir no campo. Além disso, de forma direta e corajosa, ele descreve e analisa a influência política e econômica de grupos oligárquicos que controlam os circuitos produtivos e estendem seus tentáculos aos poderes executivo, legislativo e judiciário descortinando a emblemática realidade perversa que contribui à grilagem e demais problemas socioambientais no campo.

No segundo capítulo, chamado de “*O Preço de um sonho*”, Nepomuceno descreve a realidade do Assentamento 17 de Abril, implantado nas terras desapropriadas pela União, logo após o massacre, que integravam a fazenda Macaxeira. Além disso, o MST aponta que os documentos utilizados pelo Instituto de Terras do Estado do Pará (ITERPA) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a fim de retardar a desapropriação da fazenda Macaxeira, haviam sido fraudados. Em seguida, Nepomuceno faz um relato do cotidiano dos “mutilados”, ou seja, das vítimas que ficaram feridas no

³ “Momento decisivo” é a técnica de captura uma imagem única, ou seja, que nunca mais se reproduzirá e forma idêntica, tornando-se um instante para a posteridade. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives/article>. Acesso em 21 mai. 2022.

episódio, pois muitos, ainda hoje, possuem balas alojadas nos corpos além dos abalos psicológicos perenes.

O terceiro capítulo, “*A história de um massacre impune*”, aborda que apenas o coronel responsável pela operação de desbloqueio da rodovia e seu subordinado imediato foram presos, ainda que por curtos nove meses e no próprio quartel da PM. Mais chocante é a afirmação categórica do autor acerca da autorização de agentes políticos do altíssimo escalão do governo do estado do Pará para desobstruir a rodovia por meio da força e, mesmo assim, nenhuma autoridade política sofreu sanções legais. Além disso, o livro denuncia a existência de uma espécie de “fundo de arrecadação da PM”, financiado por latifundiários, para eliminar os dirigentes do MST. Nepomuceno revela que os fazendeiros da região doaram cerca de 100 mil reais aos policiais para eliminarem os líderes dos manifestantes.

O capítulo “*A longa marcha ao encontro da morte*” traz os antecedentes imediatos do massacre, as negociações entre o grupo e as autoridades e confirma a existência de infiltrados entre os integrantes do MST. A marcha, iniciada em Curionópolis com mais de 4 mil pessoas eufóricas e entusiasmadas, seguiu em direção à Belém. Porém, após 5 dias de caminhada e 40 quilômetros percorridos, acamparam em Eldorado dos Carajás. Nesse ritmo, levariam cerca de três meses para chegar à capital do estado. Além disso, o grupo percebeu os problemas de uma manifestação tão extensa e volumosa: desidratação, doenças, falta de alimentos, etc. A partir daí, a estratégia foi bloquear a PA-150 e exigir alimentos, remédios e transporte para as mulheres e crianças.

O último capítulo, “*Uma história de impunidade*”, aborda o julgamento dos acusados e como os magistrados analisam os inquéritos policiais (no geral, documentos mal elaborados e cheios de falhas). Esse ponto foi refletido na absolvição dos responsáveis e, em seguida, na própria anulação do julgamento. Acrescenta-se o fato que os principais responsáveis pelo massacre, os mandantes da desobstrução truculenta, nem sequer foram indiciados. Além disso, os diversos recursos junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) retardam o andamento do processo e reforçam a impunidade.

Portanto, o livro foi escrito para “soprar as brasas da memória para impedir que se tornem cinzas mortas” (p. 21), nos quais os relatórios da

Instituto Médico Legal (IML) apontam para o *animus necandi*, ou seja, a intenção deliberada de ceifar a vida de outra pessoa, pois identificam “tiros à queima-roupa, corpos retalhados a golpes de instrumentos cortantes, inclusive com esmagamento de crânio e mutilações” (p. 77). Assim, colocar em xeque os laudos, as testemunhas e as circunstâncias de uma operação tão despreparada e tentar justificar e/ou minimizar a barbárie, deveria ser tão criminoso quanto os que atiraram e/ou autorizaram abrir fogo, ainda mais quando a contestação parte de alguém como o presidente da República, agente público que deveria lutar para construção de um país mais justo e democrático.

REFERÊNCIAS

CARROLL, Henry. **Leia isto se quer tirar fotos incríveis**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives/article>. Acesso em 21 mai. 2022.

NOSSA, Leonêncio. **Bolsonaro defende PM por massacre em Carajás**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 14 jul. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,bolsonaro-defende-pm-por-massacre-em-carajas>. Acesso em: 20 mai. 2022.

Recebido em 27 de junho de 2022
Aceito em 06 de setembro de 2022